

PROJETO MENTIRA VAI LONGE

Textos Ensaísticos e Registro Fotográfico

(processo itinerante de montagem do Grupo Caixa de Imagens)

Realizou criação, montagem e apresentações de dois espetáculos inéditos, “O João do Rio” para público jovem-adulto e “Vem Cá, Perdiz!” dedicado ao público infantil, através de um processo compartilhado e itinerante de pesquisa cênica, tendo como base o tema norteador ‘Mentira’ e contos dos escritores brasileiros Machado de Assis e João do Rio e da literatura russa Anton Tchekhov e Leon Tolstoi.

Na 1ª. etapa realizou o processo itinerante de montagem através de encontros com grupos de jovens e grupos de jovens e adultos e seus respectivos professores de 5 cidades em 5 Estados brasileiros (SP, MS, MT, RO, AM) para 765icineiros-espectadores.

Na 2ª. etapa realizou 17 apresentações do espetáculo inédito “O João do Rio” e realizou 10 apresentações do espetáculo inédito “Vem Cá, Perdiz!”, resultados cênicos do presente projeto, nas cidades receptoras da 1ª. etapa, para 1500 espectadores.

Portanto, o processo de pesquisa, criação e montagem em itinerância levou 7 meses, de julho de 2012 a janeiro de 2013 e nos meses de fevereiro, março e abril foram realizadas no total 27 apresentações gratuitas (foram realizadas 07 apresentações a mais do número proposto no projeto inicial).





DOS ESPAÇOS TEATRAIS DO GRUPO CAIXA DE IMAGENS

Os Espaços Teatrais do Grupo Caixa de Imagens são constituídos:

pelo espaço físico propriamente dito, pelo seu funcionamento e pelo o que este significa para a instituição e/ou para a comunidade, pelo envolvimento das pessoas deste local com o trabalho cênico do Grupo, pela forma como o encontro foi proporcionado através do convite, pela homogeneidade ou heterogeneidade do público (idade, sexo, suas relações (pais/filhos, professores/equipe da merenda/da segurança/da limpeza, professores/alunos, pacientes/familiares/equipe médica, crianças/cuidadores, detentos/educadores/carcerários, vizinhos ou colegas)), pela recepção, pelo efeito que causou e pela repercussão na instituição e/ou na comunidade.

Como uma unidade de saúde ou um abrigo para crianças pode parar? Como uma instituição educacional pode parar dentro do seu horário de funcionamento? Ou mesmo um presídio? Trabalhamos dentro de organizações vivas.

- quando a plateia encontra-se em seu local de trabalho, é comum espectadores chegarem correndo até o local de apresentação, pois precisam terminar sua função minutos antes do início da encenação. Outros, porém, que não podem parar de trabalhar, estabelecem relações de participação: ouvem o espetáculo e as reações do público, muitas vezes como se estivessem ouvindo a um programa de rádio;

- entramos na casa do público, é mister o diálogo com este espaço, não somente na concepção do cenário, mas com este todo vivo. Não é simples este diálogo: é necessária uma atitude de escuta de ambas as partes, já que o que se pretende é a parceria;

- nossos espetáculos têm um cunho intimista. Daí se deduz que a concentração, o círculo de concentração, que, sem pressa, vamos construindo entre nós e o público, entre nosso espetáculo e este todo vivo é fundamental.

Quando estamos em calçadas de ruas, praças e parques, as intervenções artísticas do repertório do Grupo caminham transformando o tempo e o espaço de passagem, de travessia, já que nossa pesquisa trabalha poeticamente a idéia de que percorrer o caminho é tão importante como partir e chegar. Abordar a rua como espaço teatral de proximidade.

Se a rua é o espaço do transitório também o é do que permanece em nossas memórias. O local em que nos apresentamos não será o mesmo nem para nós nem para os espectadores-parceiros, este recebe valor de memória. Memória que recodifica a vida cotidiana revelando o que ela pode conter de extraordinário.

Abordar a rua sem alarde, estabelecer o tempo de espera, da intimidade poética, da possibilidade do pequeno.

O Teatro de Animação entra como possibilidade cênica para falar do pequeno, do sopro de vida, do invisível, da delicadeza do gesto, da parte menor do tempo.

Abordar a rua como espaço de proximidade que conduz o acontecimento teatral ao espírito da roda de conversa, propiciando um olhar aguçado, uma escuta fina e apurada, indo ao encontro da ininterrupta procura da força e da sensibilidade sutil e delicada do cotidiano.

Todos estes pontos levantados vão estabelecendo um ritual, arquitetado através do diálogo com o que o espaço é e diz.

Esta estrutura, que aqui denominamos ESPAÇOS TEATRAIS, confere larga versatilidade e possibilidades ao acontecimento teatral.



DO BLOG

O blog: www.mentiravailonge.blogspot.com possibilitou a comunicação permanente entre os vários integrantes do processo itinerante de montagem.

A cada cidade foram postados relatos e fotos dos encontros.

“Terminamos nosso trabalho em Aparecida do Taboado no Mato Grosso do Sul, revemos muitos adolescentes, adultos e professores que trabalhamos no ano passado, conhecemos uma escola para crianças muito interessante e bem cuidada, com muito espaço pras crianças brincarem. Podemos dizer que é uma escola a la Mário de Andrade! Sabem quem nos recepcionou nesta escola? Foram 2 majestosas araras azuis!!! Como cantavam! Dona Norberta desta vez se deliciou com a sombra de seu querido Ingá, árvore com uma copa enorme que se encontra no pátio desta escola.

Em Aparecida do Taboado realizamos ao todo 05 espetáculos, 03 do “O João do Rio” e 02 do “Vem Cá, Perdiz!” e na 5a.feira foi mais um dia dedicado ao relatório.

Rever os jovens alunos que trabalhamos no ano passado foi como um sonho. O entusiasmo de nossos reencontros cativaram vários professores que não tínhamos conhecido no ano passado e nos fez receber muitos convites solicitando mais um retorno. Aparecida do Taboado deixou marcas profundas de solidariedade.”

Caixa de Imagens

www.caixadeimagens.ato.br

2a. Etapa

SÃO PAULO, PORTO VELHO e BENJAMIN CONSTANT

Em São Paulo itineramos por três regiões diferentes. Realizamos 06 apresentações, encontramos público-parceiro da 1ª. etapa e atendemos a convites de novos Espaços Teatrais.



- ▼ 2013 (3)
- ▼ Abril (1)
- 2a. Etapa
- Fevereiro (2)
- 2012 (10)

DAS DISCUSSÕES MENTIROsas **DEBATEDORES**

Como parte integrante do processo de pesquisa realizamos com os artistas-pensadores convidados - Oswaldo Mendes, Paulo Fabiano, Erika Riedel e Évill Rebouças – encontros nos quais compartilhamos três momentos fundamentais do nosso processo itinerante de montagem.

São eles: - o que imaginamos encontrar, expectativas e nosso planejamento;
- o que encontramos, o que foi sendo transformado dia a dia;
- o que fica após o processo.

Compartilhamos a criação e concepção dramatúrgica da Leitura Dramática "Almocreve", capítulo XXI do romance "Memórias Póstumas de Brás Cubas" de Machado de Assis, e da Narração de Histórias "O Poço", esta apresentada como uma introdução à Leitura Dramática. E neste compartilhar, debatemos sobre as semelhanças e diferenças da "história contada e da história lida" sempre relacionando ao tema norteador do projeto.

Comemoramos a alegria e a surpresa deste processo ser também um provocador da criação do espetáculo "Vem Cá, Perdiz!" dedicado ao público infantil, possibilidade que não imaginamos na proposta inicial deste Projeto.

Durante estes "debates mentirosos" partilhamos a elaboração do roteiro-base para os debates que seriam realizados com os grupos de jovens e grupos de jovens e adultos sobre o tema norteador.



SOBRE a 1ª. ETAPA

Na 1ª. etapa este Projeto recebeu o acompanhamento de grupos de jovens/adultos e de professores de 05 cidades de 05 Estados brasileiros, são as seguintes instituições, atingindo 765 oficineiros/espectadores:

Durante o mês de agosto de 2012

Em São Paulo/SP

- Centro para Criança e Adolescente Peri (grupo de jovens)
- Emef Cláudia Bartolomazi (grupo de jovens - 7ª. e 8ª.séries)

Em Aparecida do Taboado/MS

- EE Ernesto Rodrigues (grupo de jovens – 1ª. Ensino Médio)
- EE Frei Vital de Garibaldi (grupo de jovens – 1ª. Ensino Médio)
- Emef João Chama (grupo de Eja)
- Emef Prof. Jesus José de Souza (grupo de Eja)
- Emef São Jerônimo (grupo de Eja)
- Emef Coronel João Alves Lara (grupo de Eja)
- Grupo Teatral Prazer Eu Estou Aqui

Durante o mês de setembro de 2012

Em Porto Velho/RO

- Programa Mais Educação (educadores)
- Emef Maria Izaura da Costa Cruz (grupo de jovens – 9ª.série)
- Programa EJA (educadores e alunos)
- Grupos de Teatro da cidade

Durante o mês de outubro de 2012

Em Benjamin Constant/AM

- EE Imaculada Conceição (02 grupos de jovens – Ensino Médio)
- Emef Profa. Graziela Correia de Oliveira (02 grupos de Eja, 1 grupo de educadores)
- UFAM (professores universitários e artistas da cidade)

Durante o mês de novembro de 2012

Em Chapada dos Guimarães/MT

- EE Coronel Rafael de Siqueira (grupo de jovens – 8ª. e 9ª.séries e grupo de Eja)
- EE Ana Teresa Albernaz (grupo de jovens – 8ª.série)
- Grupos de Teatro da cidade/ Trio Pirathiny



DO PLANEJAMENTO da 1ª. ETAPA – Processo Itinerante de Montagem

Nestas 05 cidades o Grupo realizou encontros com grupos de jovens e grupos de jovens e adultos com seus respectivos professores.

Os encontros com os grupos de jovens receberam o seguinte planejamento:

- apresentação do projeto e do Grupo (quando este encontro foi um retorno do Grupo à comunidade, foi realizada uma retrospectiva dos trabalhos realizados em parceria até o momento);
- apresentação do espetáculo “Por Acaso”;
- apresentação de cenas-esquetes dos personagens Stelita e Mago;
- debate sobre concepção dramática do espetáculo “Por Acaso” e das cenas-esquetes dos personagens Stelita e Mago (espaço cenográfico escolhido, maquiagem, figurino, abordagem do público, escolha do conto literário para adaptação cênica);
- debate sobre vida e obra de Anton Tchekhov; relato sobre temporada do Grupo realizada em Moscou/Rússia por ocasião do Festival Internacional de Teatro Tchekhov;
- debate sobre o tema norteador Mentira;
- exercícios preparatórios para a realização do Jogo da Invenção;
- realização do Jogo da Invenção – O Exercício Cênico da Petalógica;
- exercícios de aquecimento vocal;
- apresentação da Leitura Dramática “Almocreve”, cap XXI do romance “Memórias Póstumas de Brás Cubas” de Machado de Assis, logo após a apresentação da Narração de Histórias “O Poço”;
- debate sobre concepção dramática da Leitura e da Narração, sobre as semelhanças e diferenças da “história contada e da história lida”;
- debate sobre vida e obra de Machado de Assis;
- exercícios preparatórios para a realização do desdobramento do Jogo da Invenção;
- realização do Jogo da Invenção – O Exercício Cênico da Petalógica;



Os encontros com grupos de jovens e adultos e os encontros com os grupos de teatro e artistas da cidade receberam o seguinte planejamento:

- apresentação do projeto e do Grupo (quando este encontro foi um retorno do Grupo à comunidade, foi realizada uma retrospectiva dos trabalhos realizados em parceria até o momento);
- debate sobre o tema norteador Mentira;
- apresentação do espetáculo “Por Acaso” ou do espetáculo “Conto Machado”;
- apresentação de cenas-esquetes dos personagens Stelita e Mago;
- debate sobre concepção dramatúrgica do espetáculo “Por Acaso” ou do espetáculo “Conto Machado” e das cenas-esquetes dos personagens Stelita e Mago (espaço cenográfico escolhido, maquiagem, figurino, abordagem do público, escolha do conto literário para adaptação cênica);
- debate sobre vida e obra de Anton Tchékhov; relato sobre temporada do Grupo realizada em Moscou/Rússia por ocasião do Festival Internacional de Teatro Tchékhov;
- ou debate sobre vida e obra de Machado de Assis;
- exercícios preparatórios para a realização do Jogo da Invenção;
- exercícios de aquecimento vocal;
- realização do Jogo da Invenção – O Exercício da Petalógica;



DO ROTEIRO-BASE PARA O DEBATE SOBRE TEMA NORTEADOR

MENTIRA?
EU MINTO?
VOCÊ MENTE?
QUANDO?
ONDE?
PRA QUE?
PRA QUEM?

HÁ MENTIRAS DE... PROTEÇÃO
SEDUÇÃO?
HÁ MENTIRAS...FOFOCA
VAIDADE?
HÁ MENTIRAS...ESCONDER
DESCULPA?
HÁ MENTIRAS...CALÚNIA
PODER?
HÁ MENTIRAS...IGNORÂNCIA
NEGA-SE A REALIDADE?
HÁ MENTIRAS...PROPOSITAIS
ENGANA-SE A ALMA?

PARA MENTIR....
EXAGERO
MEMÓRIA
ESTRATÉGIA
INVENÇÃO

INVENÇÃO
INVENTAR...CRIAR
COMPROMISSO COM VEROSSIMILHANÇA.

COMPROMISSO ARTÍSTICO COM AQUILO QUE FALA DA VERDADE
COMPROMISSO ARTÍSTICO COM A INVENÇÃO



DO ESPETÁCULO “POR ACASO”

(espetáculo do repertório apresentado nesta 1a. etapa)

Este espetáculo é fruto da pesquisa sobre vida e obra do escritor e dramaturgo russo Anton Tchékhov, desenvolvida através do Projeto Caixa de Imagens – Sonho que Caminha, ProAc, realizado em 2009/2010.

Trata-se de uma adaptação livre do conto “Trapaceiros à Força” de Tchékhov.

Pesquisa cênica que busca dar uma voz contemporânea para a revolução das formas narrativas provocada pelo trabalho artístico realizado pelo contista e dramaturgo russo.

A instituição educacional preparou-se para receber naquele dia, a apresentação de um espetáculo de teatro. Os atores ingressam em uma sala de aula. Entram para conversar com os alunos sobre um prazeroso imprevisto ocorrido que provocou uma pequena alteração em seus planos, e durante esta conversa a encenação ganha vida.

Duração média: 20 minutos por sala, de 03 a 05 apresentações por período.

Espetáculo de teatro para ser realizado em salas de aula.

Público alvo: adolescentes e adultos

Necessidades Técnicas: nenhuma

Trapaceiros à Força - Historinha de Ano Novo

Estamos na casa de uma família em plena festa de Ano Novo.

Os ponteiros andam tímidos rumo à meia-noite. É o último dia do ano e todos aguardam impacientes o ano novo. Uns com fome outros com sede.

O ritmo do relógio não é o mesmo de sua ansiedade. Contudo, para outros, essa letargia é providencial! Para a dona da casa, que sempre prepara caprichosamente o jantar de ano-novo.

Eis que os convivas, separadamente, têm uma brilhante ideia: convencer o relógio de que este anda muito devagar! Então movem o ponteiro alguns minutos. Primeiro um, depois outro. Faltavam quarenta minutos, agora faltam dez e todos avisam a dona da casa, que atônita, corre para a sala e vê com seus próprios olhos que a meia-noite já está chegando. Mas um ano novo deve ser festejado com dignidade, não às pressas! Então ela, sorrateiramente, atrasa o relógio alguns minutos. E eis que consegue mais tempo para terminar o jantar...

Este conto humorístico trata da ansiedade humana. E de certa forma da corrupção. Quebrar as regras para apressar o resultado esperado com vistas apenas à própria satisfação.

Também podemos ver que, se essa atitude é generalizada: tanto a quem interessa o resultado positivo quanto a quem interessa o resultado negativo: ninguém se salva, ninguém está incólume.



“CONTO MACHADO”

(espetáculo do repertório apresentado nesta 1a. etapa)

Este espetáculo é um desdobramento da pesquisa realizada a partir dos projetos realizados em 2007 e 2008: Projeto Convites, Machado de Assis, Leituras e Encenações – Prêmio Funarte Myriam Muniz e Pelos Olhos de Machado – PAC/Sec. Est. de Cultura. Teve sua estreia no Projeto Nova Parceria, projeto idealizado, organizado e patrocinado em parceria com o Grupo Caixa de Imagens e seu público.

Neste espetáculo, o Grupo Caixa de Imagens realiza uma adaptação dramatúrgica dentro da vasta obra contística machadiana. Alguns dos contos escolhidos pelo Grupo como principal fonte dramatúrgica de pesquisa são: ‘Noite de Almirante’, ‘O Espelho’, ‘Terpisícore’, ‘Jogo do Bicho’ e ‘A Cartomante’.

O espetáculo reúne esses cinco contos de tal forma em que tudo faz parte de um todo, cada parte, cada cena está delicadamente conectada, entretanto esse todo pode ser modificado a cada apresentação. Durante uma apresentação são escolhidos dois ou três contos para ser encenados.

Elaborar esta adaptação dramatúrgica foi não só instigante processo de pesquisa como deliciosamente encantador, pois a obra de Machado de Assis é a prova de que a ironia pode ser solidária e de que a negatividade pode ser fonte inesgotável de generosidade e prazer.

‘Conto Machado’ possui músicas compostas especialmente para ela e são executadas ao vivo.

Espetáculo de teatro para ser realizado em salas de aula ou bibliotecas.

Público Alvo: jovens e adultos

Duração: 50 minutos

Necessidades Técnicas: nenhuma



DA TRAJETÓRIA DE STELITA E MAGO

(cenas-esquetes apresentadas após espetáculos)

Stelita e Mago! Os maiores adivinhadores do mundo!

Esta dupla de personagens convence o público das mais variadas idades e cantos do Brasil de que são possuidores de poderes mágicos, de poderes advinhatórios e que possuem capacidades mediúnicas surpreendentes.

Realizam vários esquetes utilizando-se basicamente de seus poderes mentais. E como a plateia sempre pede bis, deliciam-se mais uma vez e mais uma vez com os vários olhares alegres e espantados de seus espectadores.

Chamamos estes personagens, na nossa intimidade cênica, de “Entrões”. Vocês poderão encontrá-los em mais de um espetáculo do nosso repertório.

Stelita e Mago surgiram pela primeira vez em 2009 quando estávamos desenvolvendo um trabalho de parceria com o Trio Pirathiny, trupe de circo-teatro itinerante.

Este casal de trapaceiros-adivinhadores traz o frescor e o vigor dos artistas de rua. Artistas que João do Rio presenciou tantas vezes.



DA LEITURA DRAMÁTICA

Introdução da Leitura Dramática com relato-jogo “O POÇO”

Para trabalharmos o que difere entre “histórias lidas e histórias contadas” e as transformações que a memória provoca no relatar de uma história, introduzimos a leitura dramática do capítulo XXI do romance “Memórias Póstumas de Brás Cubas” de Machado de Assis com relato-jogo O Poço.

Neste relatamos a história que uma amiga querida há muito tempo atrás nos contou para exemplificar o momento pelo qual ela estava passando. Disse-nos de um conto de Machado de Assis.

Em seu relato narra que um senhor muito rico caiu dentro de um poço. Desesperado promete para si mesmo que para aquela pessoa que o salvasse, como recompensa, ele doaria toda sua fortuna. Porém durante o desenvolver de seu salvamento, começa a repensar e assim, paulatinamente, vai abaixando a sua oferta. Quando se viu completamente salvo, em agradecimento ao seu “salvador” doou apenas uma moeda.

Procuramos por muito tempo esse conto e achamos esse capítulo XXI do romance machadiano, consultamos Paul Dixon, crítico literário, e ele confirmou nossa busca.

Por vezes acreditamos que o relato de nossa amiga contenha também um conto de Mário de Andrade “O Poço” e é por esta razão que damos este título a este relato-jogo.



DA LEITURA DRAMÁTICA

Cap. XXI – Memórias Póstumas de Brás Cubas de Machado de Assis

Ator 1 - Você trouxe as moedas?

Ator 2 – Moedas? Não, precisava?

Ator 1 - A gente combinou que quem trouxesse as moedas faria o papel do Cubas. Você não trouxe...vai fazer o Jumento.

Ator 2 - Não, que história é essa?

Ator 1 - A gente combinou. Eu sou Cubas e você o Jumento.

Ator 2 - Não, pera aí. Não vou fazer, não vou fazer. Isso não tá...

Ator 1 - Cubas - Vai então, que empacou o jumento em que eu vinha montado; fustiguei-o, ele deu dois corcovos, depois mais três, enfim mais um, que me sacudiu fora da sela, com tal desastre, que o pé esquerdo me ficou preso no estribo; tentei agarrar-me ao ventre do animal, mas já então, espantado, disparou pela estrada fora.

Ator 2 - Jumento -.Disparei mesmo, disparei mesmo, quando eu disparo não é fácil. Dei dois saltos E aí ele já tava com a cabeça...

Ator 1 - Cubas - Tentou disparar!

Ator 2 - Jumento - Como assim?

Ator 1 - Cubas - Tentou disparar, mas acontece que um almocreve, que ali estava, acudiu a tempo de pegar na rédea e deter o animal.

Ator 2 - Almocreve - Mas com muito esforço e correndo perigo! Agora, eu sou o Almocreve. Vamos lá! Dominei o bruto e ajudei a vosmecê desvencilhar-se do estribo. Olhe do que vosmecê escapou! Se o jumento corre por ali fora, contundia-se deveras, e não sei se a morte não estaria no fim do desastre; cabeça partida, uma congestão, qualquer transtorno cá dentro, lá se ia a ciência em flor.

Ator 1 – Cubas - O almocreve salvava-me talvez a vida; era positivo; eu sentia-no no sangue que me agitava o coração. Bom almocreve! Enquanto eu tornava à consciência de mim mesmo, ele cuidava de consertar os arreios do jumento, com muito zelo e arte. Resolvi dar-lhe três moedas de ouro das cinco que trazia comigo; não porque tal fosse o preço da minha vida, — essa era inestimável; mas porque era uma recompensa digna da dedicação com que ele me salvou. Está dito, dou-lhe as três moedas.

Ator 2 – Almocreve - Pronto, aqui estão as rédeas da cavalgada.

Ator 1 – Cubas - Daqui a nada, respondi; deixa-me, que ainda não estou em mim...

Ator 2 – Almocreve - Ora qual!

Ator 1 – Cubas - Pois não é certo que ia morrendo?

Ator 2 – Almocreve - Se o jumento corre por aí fora, é possível; mas, com a ajuda do Senhor, viu vosmecê que não aconteceu nada.

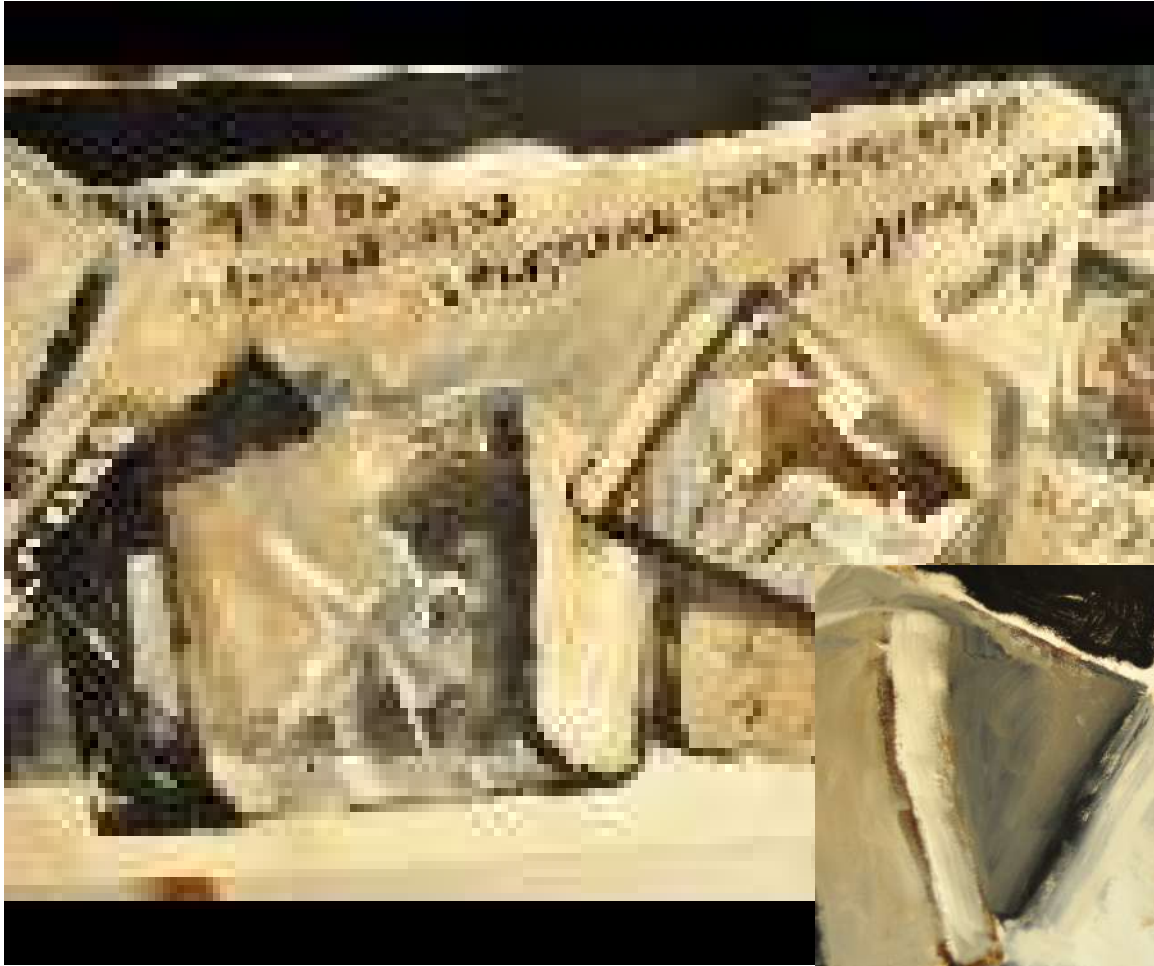
Ator 1 – Cubas - Fui aos alforjes, tirei um colete velho, em cujo bolso trazia as cinco moedas de ouro, e durante esse tempo cogitei se não era excessiva a gratificação, se não bastavam duas moedas. Talvez uma. Com efeito, uma moeda era bastante para lhe dar estremeções de alegria. Examinei-lhe a roupa; era um pobre-diabo, que nunca jamais vira uma moeda de ouro. Portanto, uma moeda. Tirei-a, vi-a reluzir à luz do sol; não a viu o almocreve, porque eu tinha-lhe voltado as costas; mas suspeitou-o talvez.

Ator 2 – Almocreve – Jumentinho.. tome juízo! Olhe que o senhor doutor podia castigá-lo! (dá um beijo no Jumento)

Ator 1 – Cubas - Valha-me Deus! Olé!

Ator 2 – Almocreve - Queira vosmecê perdoar, mas o diabo do bicho está a olhar para a gente com tanta graça...

Ator 1 – Cubas - Ri-me, hesitei, meti-lhe na mão um cruzado em prata, cavalguei o jumento, e segui a trote largo, um pouco vexado, melhor direi um pouco incerto do efeito da pratinha. Mas a algumas braças de distância, olhei para trás, o almocreve fazia-me grandes cortesias, com evidentes mostras de contentamento. Adverti que devia ser assim mesmo; eu pagara-lhe bem, pagara-lhe talvez demais. Meti os dedos no bolso do colete que trazia no corpo e senti umas moedas de cobre; eram os vinténs que eu devera ter dado ao almocreve, em lugar do cruzado em prata. Porque, enfim, ele não levou em mira nenhuma recompensa ou virtude, cedeu a um impulso natural, ao temperamento, aos hábitos do ofício; acresce que a circunstância de estar, não mais adiante nem mais atrás, mas justamente no ponto do desastre, parecia constituir-lo simples instrumento da Providência; e de um ou de outro modo, o mérito do ato era positivamente nenhum. Fiquei desconsolado com esta reflexão, chamei-me pródigo, lancei o cruzado à conta das minhas dissipações antigas; tive (por que não direi tudo?) tive remorsos.



DO JOGO DA INVENÇÃO – O EXERCÍCIO CÊNICO DA PETALÓGICA

Criamos um jogo que teve como base de pesquisa um jogo que sempre jogamos com os amigos: o jogo do dicionário. Escolhemos algumas palavras do capítulo XXI do romance “Memórias Póstumas de Brás Cubas” de Machado de Assis: almocreve, pródigo, estremeção, corcovo e fustigar. Elaboramos definições não oficiais para elas. Imprimimos em cartões estas definições e também as oficiais (pesquisamos alguns Dicionários Brasileiros de Língua Portuguesa). Definimos o objetivo principal do jogo: criar uma defesa da definição recebida.

O Jogo durante os encontros

Antes de iniciarmos o jogo realizamos exercícios preparatórios: ora foram exercícios de aquecimento vocal, ora exercícios de improvisação, ora exercícios de consciência corporal e relaxamento.

Perguntávamos se algum dos participantes conhecia o jogo do dicionário (aquele que foi a base de nossa criação). Imediatamente relatávamos que o grupo seria dividido em Jogadores e Jurados e interrogávamos quem gostaria de ocupar a função de Jurados. Aqueles que se disponibilizavam para esta função eram reunidos e se colocavam em um local específico. Em seguida, pedíamos que nos respondessem a razão ou as razões de sua escolha. Conforme iam respondendo, os Jogadores e Nós, os Intermediadores, opinávamos sobre suas respostas e escolhíamos quem seria o Presidente da Mesa (dessa forma invertíamos prontamente as funções: eram os Jogadores que estavam ocupando o lugar de quem julga).

Após o Presidente da Mesa ocupar a posição central do grupo dos Jurados, dividíamos o grupo de Jogadores em 4 sub-grupos e mostrávamos a todos os cartões com as definições. Explicávamos as regras: cada grupo receberia um cartão com uma definição, sua tarefa seria elaborar uma defesa para esta definição. Esta defesa precisaria ser construída de tal forma que levasse a todos, principalmente ao grupo dos Jurados, a acreditar que esta definição é a definição oficial do Dicionário Brasileiro. Os únicos participantes do jogo que conheciam as definições inventadas e as oficiais eram os Intermediadores, isto é, nós.

Em seguida mostrávamos o cronômetro oficial do jogo: uma ampulheta que cronometra 3 minutos. Este seria o tempo para a criação das defesas, porém se os grupos precisassem de mais tempo, poderiam solicitar aos Jurados argumentando suas razões para tal pedido.

Após cada apresentação das defesas, o sub-grupo era arguido pelos Intermediadores, pelos outros sub-grupos e pelo grupo dos Jurados.

Chegava a vez do grupo dos Jurados se reunir para discutir qual das defesas seria a mais convincente. Para tanto, os Intermediadores auxiliavam a preparação de um parecer sobre cada trabalho apresentado.

E também os Intermediadores desenhavam o placar na lousa. Este recebeu várias formas de marcação dos pontos, até chegar a sua forma definitiva: sub-grupo ganhador recebia ponto. Portanto, os outros sub-grupos recebiam ponto e vírgula.

MENTIRA VAI LONGE

90% do
que escrevo é

INVENÇÃO

Só 10% é

(Manoel de Barros)

METER CRÍTICA
NEM SEI
EXPECTATIVA
ADRENALINA
LEGAL

NASCIMENTO



-15m→
+cheiroso

aprox 15

ALMOCREVE

que escrevo

Após a finalização do parecer do grupo do Jurados, os Intermediários iniciavam seus pareceres. Estes tinham, além da função de ampliar alguns aspectos do processo de criação e avaliação das defesas, a função de bagunçar o placar, de trapacear e assim, de inevitavelmente sempre fazer chegar ao resultado do empate entre todos os sub-grupos.

Este jogo foi recebendo transformações a cada encontro.

A primeira foi diretamente na elaboração das definições: retiramos definições inventadas que não se mostraram suficientemente aptas para provocar processos de criação de defesas e elaboramos outras.

Como já relatamos, o placar do jogo sofreu inúmeras modificações até chegar ao seu formato definitivo.

Realizamos alguns Desdobramentos do Jogo.

Desdobramento 1

Escolhemos a palavra do jogo em um livro de contos de João do Rio diante de todos, ninguém sabia a definição oficial e os sub-grupos tinham que realizar sua tarefa sem definições elaboradas anteriormente recebidas nos cartões. Após a realização da rodada, procurávamos no dicionário sua definição oficial.

Desdobramento 2

Escolhemos uma palavra conhecida por todos, por exemplo, a palavra “bola”. Todos os sub-grupos tinham que realizar sua tarefa inventando uma nova definição para esta palavra.

Não definimos um formato para as apresentação das defesas, cada sub-grupo podia elaborar da forma que considerasse mais adequada. Como Intermediadores, estimulávamos o processo de criação contando “histórias” que tínhamos vivido ou que tínhamos lido. Realizamos encontros preparatórios para este momento: lemos muitos contos dos escritores-guias do projeto e relacionamos fatos com cada definição. Com o andamento do projeto, acrescentávamos ao nosso repertório as histórias que sub-grupos de outras cidades tinham inventado.

Dessa forma o jogo se fortalecia enquanto um experimento cênico em que cada jogador desenvolvia sua função procurando a “verdade cênica”, respeitando as regras que favoreciam o seu desenvolvimento, como por exemplo, respeitando as resoluções tomadas pelo Presidente da Mesa, autoridade máxima durante o processo do jogo. Até mesmo quando se tratava da ordem de quem poderia sair para beber água no bebedouro que se encontrava fora da sala de aula.

A	B	C	D
Jorneta + parenta	Paqueta muito e fofa	Cadeira balanço e "pau" e carrinho	Cadeira balanço e "pau" e carrinho
~ ~ ~	~ ~ ~	~ ~ ~	~ ~ ~



SOBRE a 2ª. ETAPA

Durante os meses de fevereiro, março e abril foram realizadas 27 apresentações gratuitas, totalizando 1500 espectadores, da seguinte maneira:

Em São Paulo/SP

Dia 22/02 - Emef Helina Coutinho L. Alves (2 apresentações para 8ª.ano)

Dia 26/02 - Centro para Criança e Adolescente Peri (2 apresentações para grupo de jovens)

Dia.27/02 - Emei Baroneza de Limeira (2 apresentações para crianças de 4 a 6 anos)

Em Porto Velho/RO

Dia 05/03 - Emef Maria Izaura da Costa Cruz (1 apresentação para grupo de jovens – 9ª.série)

Dia 06/03 – Emef Maria Izaura da Costa Cruz (1 apresentação para grupo de Eja)

Dia 07/03 – 02 unidades da Emei Pequeno Jones (3 apresentações para crianças de 3 a 6 anos)

Dia 07/03 – Emef Padre Chiquinho (1 apresentação para grupo de Eja e Ensino Médio)

Em Benjamin Constant/AM

Dia 12/03 – Escola Sonho Meu (1 apresentação para crianças de 4 a 6 anos)

Dia 12/03 – Escola Viver e Aprender (1 apresentação para crianças de 4 a 6 anos)

Dia 13/03 – UFAM/ Instituto de Natureza e Cultura (2 turmas de 2º ano universitário de Ciências Biológicas)

Dia 13/03 – EE Coronel Raimundo Cunha (1 apresentação para grupo de Eja)

Dia 14/03 - Emef Profa. Graziela Correia de Oliveira (1 apresentação para grupo de educadores)

Dia 15/03 - EE Imaculada Conceição (1 apresentação para 02 grupos de jovens – Ensino Médio)

Em Aparecida do Taboado/MS

Dia 25/03 - EE Frei Vital de Garibaldi (1 apresentação para grupo de jovens – 1ª., 2º. e 3º. Ensino Médio)

Dia 26/03 - Emei João Luis Pereira (2 apresentações para crianças de 4 a 7 anos)

Dia 27/03 - EE Ernesto Rodrigues (1 apresentação para grupo de jovens – 1ª. e 2º.ano Ensino Médio)

Dia 27/03 - Emef Coronel João Alves Lara (grupo de Eja) /Grupo Teatral Prazer Eu Estou Aqui (1 apresentação)

Em Chapada dos Guimarães/MT

Dia 02/04- EE Coronel Rafael de Siqueira (1 apresentação para grupo de jovens – 8ª. e 9ª.séries)

Dia 03/04- EE Coronel Rafael de Siqueira (1 apresentação para grupo de Eja e Ensino Médio)

Dia 04/04- EE Ana Teresa Albernaz (1 apresentação para grupo de Eja e Ensino Médio)

Dia 05/04- EE Ana Teresa Albernaz (1 apresentação para grupo de jovens – 7ª., 8ª.e 9ª.série)



DA CONCEPÇÃO **“O JOÃO DO RIO”**

Ensaio 1

O processo de criação ora nos levava a encenar um espetáculo-jogo semelhante àquele que fomos criando durante os encontros, um espetáculo-jogo capaz de abordar a mentira intrínseca do jornalismo. Ora nos provocava a integrar as “histórias inventadas” durante o jogo da invenção com um conto literário de um dos autores-guias. Esta última opção foi ganhando forma. Forma soprada pela obra do escritor jornalista João do Rio.

O conto escolhido, “Parada da Ilusão”, coloca-nos de frente a espelhos. Espelhos pessoais e coletivos. Espelhos internos e externos. Espelhos ora iluminados pelo nosso olhar, ora iluminados pelo olhar do outro.

O que enxergamos de nós mesmos? O que o outro enxerga em nós? Como ele nos vê? Como queremos que ele nos veja?

O que enxergamos do e no outro? O que queremos enxergar? O que não queremos enxergar?

Que acordos mentirosos estabelecemos com o outro? Que verdades existem nestes acordos?

Ou, que verdades depositamos em nossos relacionamentos? Que mentiras são necessárias para que estas verdades continuem existindo?

E da mesma forma que João do Rio sai de seu escritório (redação do jornal) para encontrar nas ruas o que gostaria de “jornalizar”, também saímos de nossa cidade, percorremos parte do Brasil, vamos ao encontro do público, pedimos licença e entramos em seus espaços de convivência para criar e compartilhar nosso processo criativo e o resultado cênico. Com o espírito da rua.



DA CONCEPÇÃO **“O JOÃO DO RIO”**

Ensaio 2

“Ao inventar, mentimos, segundo o dicionário. Ao inventar uma história oferecemos a quem a ouve uma ilusão?” (trecho do diário)

O espetáculo “O João do Rio” é composto por algumas “histórias inventadas” durante uma viagem de 16 mil quilômetros, que passou por cinco cidades de cinco estados brasileiros. A maioria dessas “histórias inventadas” foi concebida a partir dos diversos significados da palavra “almocreve” durante o Jogo da Invenção. Almocreve como refeição leve, como pomada cicatrizante, como quem crê em alma, como quem puxa o burro de carga etc.

Será que essa pomada cicatrizante é capaz de cicatrizar as dores de amores de um coração abandonado? Esse coração rejeitado tão cantado em tantos em tantos gêneros musicais que ouvimos inúmeras vezes por todos esses caminhos. “Vivo por fora, morto por dentro.”: cantava alto e em bom tom numa roda de amigos um rapaz com seu violão numa das ruas de Aparecida do Taboado. Assim criamos esse espetáculo, andando de cidade em cidade, puxando nosso “burrinho” que carrega nossos objetos cênicos e instrumentos musicais, acreditando que somos feitos da mesma matéria que os sonhos, oferecendo “cenas almocreviantes” como uma “refeição leve” para contar o milagre de uma “pomada cicatrizante” que integra ingredientes das sabedorias popular e erudita.



DA CONCEPÇÃO

“VEM CÁ, PERDIZ!”

Este espetáculo surge pelo encantamento imediato que sentimos ao ouvir a lenda sobre o significado dos cantos de dois pássaros do cerrado: Jaó e Perdiz.

São dois pássaros que vivem distantes, mas que parecem se corresponder pelo seu canto. Quando Jaó canta parece estar dizendo: “Vem cá, perdiz!”. E quando Perdiz canta parece estar respondendo: “Eu, nem pensar!”

E para contar essa lenda “chamamos” outro pássaro: o Taperá, pássaro que já esteve presente em outro espetáculo do nosso repertório “A Carroça do Manu” (homenagem a Mário de Andrade).

A viagem que fizemos a Portugal, para participar da Abertura do Ano do Brasil em Portugal, nos proporcionou a oportunidade de conhecer o escritor angolano José Eduardo Agualusa. Ao ler um de seus livros encontramos um conto que faz referência ao milagre das rosas cantado em tantas situações fictícias e “verídicas” que podemos presenciar tanto no Brasil quanto em Portugal.

Resolvemos encenar “Vem Cá, Perdiz!” utilizando nossa experiência com o espetáculo “Por Acaso”: o seu espaço cenográfico é a sala de aula. A sala como ela se encontra em atividade, sem preparação prévia. Como também utilizamos o desenhar na lousa como elemento de ação que traz o espaço dramático.

“Vem Cá, Perdiz!” diz da despedida, da brevidade e da eternidade de um encontro.

Fazemos um paralelo com nossa vida itinerante: chegamos ao local da apresentação, montamos “nossa lona”, apresentamos, “arrecadamos” em nosso chapéu a memória desse acontecimento teatral e nos despedimos, partimos com a possibilidade e a vontade de voltar.

O “O João do Rio” também faz referência a esse paralelo, em “Vem Cá, Perdiz!” esse se instaura imediatamente em nossa primeira ação. Ao entrarmos na sala de aula perguntamos pela professora e quando a abraçamos falamos da saudade, que faz tanto tempo que não a encontramos que nem a reconhecemos! E é este reencontro, da “saudade reinventada”, que faz nascer a nossa encenação.



ROTEIRO

ESPETÁCULO “O JOÃO DO RIO”

- Já que estamos retornando, quem nos conhece?
- somos Grupo Caixa de Imagens; falar sobre Projeto, sobre PróCultura, comentar brevemente sobre as viagens pelos 05 Estados, as cidades receptoras e sobre os grupos de trabalho, suas características e organização dos encontros;
- Ouvimos muitas histórias, contamos muitas histórias, inventamos juntos muitas outras histórias, vivemos outras tantas, se fossemos reuni-las seria um lingote de ouro; citar os escritores-guias do projeto;
-- a história que resolvemos encenar hoje é do Geraldo e da Alda. Esta poderia ter acontecido aqui e, segundo as estatísticas ela ocorreu há mais ou menos 1 século atrás;
- cochichamos e revelamos aos poucos nossa preocupação
- “Alguém quer mudar de lugar? Porque na última apresentação...” Relatamos sobre o tombo de um espectador, do Fábio. Comentamos: sempre rola uma paquera, sabe quando um quer se mostrar mais do que se é pro outro? Mais valente, mais culto, mais experiente?; contamos que a nossa sorte é que, como somos artistas itinerantes, sempre carregamos conosco os primeiros socorros, portanto, tínhamos a quase milagrosa pomada Almocreve, uma invenção do Seu João e de Juan; perguntamos se alguém conhece o Seu João e o seu companheiro Girimum, o seu burro de carga; se não, dizemos que alguém vai ter o privilégio de conhecê-lo, de perceber como Seu João é especial; escolhemos um espectador para que ele experimente uma iguaria feita pelo Seu João, cozinheiro de mão cheia. Vamos descrevendo os sabores exclusivos desta iguaria associando-os a história da criação da Pomada Almocreve, com o sabor salgado dá pra perceber que ele mora perto da divisa de SP com MS, dá pra sentir o cansaço de Seu João que todo dia atravessa o Rio Grande ou Rio Paraná sobre aquela ponte de 4km de extensão que une os dois Estados; o sabor refinado do sal que o espectador vai sentir imediatamente faz-nos perceber a tristeza de Seu João, seu coração pesado, pois perdeu sua esposa neste rio; vem a música
“Entre Aparecida e Santa Fé
Vai Gerimum e Seu João
O Rio Paraná passa
E é tão pequeno para suas lágrimas
Nessa corrente foi o seu amor
Já foi tanta gente
Encontrar Yara.”

Acrescentamos que o sabor picante diz do arrepio de Seu João ao ver uma balsa abandonada no Rio Paraná. Ela estava com aparência de nova! Como isto poderia acontecer já que esta tinha afundado nas águas do rio? E estava ali desde que construíram a ponte? Contamos que Seu João ficou encafifado com aquele mistério e que logo pensou que era uma mensagem da sua querida e falecida esposa Rosa...bom, ele olhou, olhou e resolveu pegar uma amostra daquela planta de um verde brilhante que tinha envolvido a dita balsa; fez uns experimentos e chamou o farmacêutico peruano Juan, que morava por lá naquela época; Juan juntou sangue de grado na poção; e finalmente narramos que a sensação da “crocância” é a alegria de Seu João por ter obtido tanto sucesso com sua



invenção. Espectador finalmente experimenta a iguaria gastronômica.

Retomamos a história de Fábio. Contamos que após a nossa apresentação fomos para o pátio ficar com a turma durante o intervalo entre as aulas. Fábio, um menino muito popular na escola estava rodeado de amigos e quando nos aproximamos, ouvimos Fábio, com aquele seu jeitinho simpático e cativante, ensaiando com os amigos, todos eles repetiam cantando a frase “vai sarar também?”

Pegamos nossos instrumentos, cantamos a música (o público sempre nos acompanha neste cantar).

“Caí

Que desilusão

A dor na minha perna já passou

Será que a do coração

Vai passar também?”

- Seguimos contando que aí a gente olhou pro portão principal da escola, quem é que está chegando apressada com algo na mão? Assim meio esbaforida e carregando alguma coisa na mão. Vimos os amigos de Fábio abrindo caminho, como se estivessem abrindo alas pra ela passar!

- “Mas com o Geraldo é diferente!”

(Ator 1 conta sobre seu personagem enquanto Ator 2 senta-se, arruma seus adereços de cena e vai revelando seu figurino discretamente; Ator 1 abre sua mala.)

- “Eu vou representar o Geraldo.”

(Tirando os chinelos)

- “Vocês sabem, o Geraldo é um estudante de medicina que pretende ser neurocirurgião...”

(Fecha a mala, tira os sapatos, calça os chinelos e arruma a calça)

- “Geraldo mora perto do rio, ali tem um balneário, onde as pessoas vão prá se exercitar, relaxar, se divertir, por ordem médica, aprender a nadar...ali tem vários instrutores, vários banhistas...”

(Tirando a camisa)

- “Geraldo gosta de ir lá de manhã bem cedo, ele acredita que um banho logo cedo lhe dá forças para o estudo mais tarde...”

(Tirando a camiseta – mostra figurino e contracena com a reação da plateia)

- “Geraldo adora conversar com todo mundo, não é um estudante esnobe... (escolhe alguém da plateia) - faz de conta que você é o gerente (entrega-lhe as chaves)...viu só? agora estou conseguindo vir aqui todos os dias, ontem eu fiz 150 metros, hoje vou fazer 200!...ah, aluguei aquela casinha que você falou, é bacana, tem ...”

(segue descrevendo a casa até ser interrompido por Alda).

Alda –“O senhor banhista, venha cá.”

Geraldo olha para os lados e comenta que ela está pensando que ele é um banhista.

Alda -“Sim, você mesmo.”



Geraldo conversa mais uma vez com o público, conta da sua surpresa pelo inesperado convite.

Alda – “Não quero mais aquele instrutor seu amigo, o barrigudo.”

Geraldo – “O Nicolau?”

Alda – “Sim, ele mesmo. Ele não é bom professor! Fica você. Tu queres?”

Geraldo curva-se, sem uma palavra. Alda abre sua bolsa e retira uma moeda, enquanto isso Geraldo pede permissão ao “Gerente”.

Alda – “Tome. Não quer receber? Ora esta! Receba. Para esquentar. Ande lá.”

Geraldo – “Grazzie, signorina...”

Alda – “Diga: é italiano?”

Geraldo – “Io sono venuto da Napoli fa tre anni...”

Alda – “Ah! bem. E qual a sua idade?”

Geraldo – “Vinte e due.”

Alda – “És um guri!” - olha-o profundamente, tem um leve suspiro, comenta com o público e ainda indaga:

Alda – “Como se chama?” (fala em portuitálico)

Geraldo – “Túlio.”

(Túlio sempre falará com sotaque itálico)

Alda – “Então, de hoje em diante tu serás meu instrutor de natação. Vamos nos preparar!”

Cena da maquiagem

Alda ao se arrumar (maquiagem) começa a cantar, Túlio coloca seu lenço preto no pescoço e elogia a música e o canto de Alda. Alda ensina Túlio a solfejar. Até que a música ganha outro brilho: ritmo inspirado em músicas típicas italianas.

“Da lua vai nascer o mar

Será que essa neblina

Vai nos afogar?”

Cena de adivinhação

Túlio – “Então tá, Alda, mais uma vez, uma adivinhação: quem casa muitas vezes e está sempre solteiro?”

Alda: - “É fácil! O padre Giovanni!”

Túlio: - “Quando tô te dando aulas lá na água, o que entra na água e não se molha?”

Alda: - “É fácil: a sombra!”

Túlio: - “O que sempre vive batendo no céu?”

Alda: - “Ah...Túlio.... É a língua!”

Túlio - “Ah! Como você consegue?”

Alda: - “Eu sempre adivinho! É que eu já viajei muito! São meus poderes mágicos!!

Túlio: “Agora é mais difícil! Pensei a noite toda nela!”

Alda – “Ah, de novo? Então eu não vou fechar o olho.”

Túlio – “Vai sim. Olhos quiosos! Vou te dar só 5 segundos! Estou com a minha mão em uma persona, esta persona és uma mulher ou



um homem?

Stelita – “Mago! Esta pessoa que está usando uma roupa preta, é um homem!”

Mago – “Viva Stelita! A maior adivinhadora do mundo!”

(Mago oferece uma flor para Stelita executando um número de magia)

Mago: - “Palmas para Stelita! Agora o grande desafio! Valendo 5 moedas de ouro!”

Stelita: - “5!”

Mago: - “Não, 5 não! 3 moedas de ouro!”

Stelita: - “3!”

Mago: - “Não, 3 não! 1 moeda de ouro!”

Stelita: - “1!”

Mago: - “Nem precisa ser de ouro! Eu tenho uma aqui! Stelita vai passar o chapéu! Quem adivinhar antes de Stelita, vai ganhar o grande prêmio!”

(passa-se o chapéu)

Mago: - “5 segundos! Numa igreja havia 10 velas, um ladrão entrou e levou 5 velas, quantas velas ficaram?”

(participação da plateia)

Stelita ou espectador: - “15 velas porque ele levou e não tirou!”

(charadas extras:

O que mais pesa neste mundo?”

O que é que corre, mas não tem pés, tem leite, mas não é hospital e quando para, morre?”)

(Com o espectador, o Adivinhador, que acerta a resposta.)

Stelita – “Teremos que dividir o Grande Prêmio...você fica com um celular, eu fico com as chaves do carro....Não. Quero o Grande Prêmio todo pra mim! Mago, proponho um desafio para o meu colega Adivinhador! (pega o baralho)”

Mago – “Mas não é muito perigoso?”

Stelita – “Mago, peça para o Adivinhador escolher uma carta que eu irei adivinhar!”

Stelita adivinha.

(obs: Mago e Stelita falam em português itálico)

Túlio – “Nossa, Alda, como você consegue?”

Alda – “Ah, Túlio, eu já falei sobre os meus poderes mágicos... mas ,você, um rapaz inteligente, em vez de ficar querendo saber os meus truques, por que não muda de vida?”

Alda olha para Túlio e repara seus cabelos – “Ah! Túlio! Tá bom, eu vou te ensinar, mas primeiro relaxa! Ah! Meu guri!”

Alda começa a pentear Túlio borrifando água em seus cabelos.

Túlio – “Para que mudar de vida, signorina? Aqui vivo, aqui hei de morrer...”



Cena do borrifador

Alda ao pentear Túlio molha-o propositalmente, este quando percebe que é uma brincadeira, pega seu borrifador e começam a brincar de guerra de água.

Alda para se defender – “Só na mãozinha!”

Túlio molha sua mão.

Alda – “Sabe Túlio, às vezes tenho medo que o senador Eleutério possa saber; depois que me separei do meu marido, e o Senador resolveu ser o meu protetor, tenho muito medo do ciúmes...”

Túlio – “Então, agora, a signorina vai nadar mais longe! Tem que ter medo é do meu jato de água!”

(aos poucos vão molhando a plateia também)

(Ele sorria queria levá-la para longe.)

Túlio – “há,há! Então, agora! Te peguei!”

Alda – “Não, não. Então só no pezinho!”

Túlio – “Não tem ninguém olhando?”

Túlio molha o pé de Alda.

Alda – “Ai! não me afogues, rapaz. Morrer com quase 30 anos...”

Alda sobe na cadeira-cenário – “Palavra de rio-grandina e de Alda Pereira que aprender a nadar custa!”

Túlio – “Signorina vai ver quanto custa caro!”

Voltam a brincar e Alda sai da sala.

Túlio – “Ah, isso não vale! Volta Alda que acabou! Olha acabou!” (refere-se a água dentro do borrifador)

Alda volta – “Eleutério soube de tudo, e, já comprou minha passagem pra Europa! (Alda molha seu rosto com borrifador para formar lágrimas) Eu quero viver sem luxo, posso viver sem roupas, só com o meu Túlio!”

Túlio – “Mas, Alda, é só por pouco tempo, uma breve separação!”

Alda – “Tu queres, Túlio?”

Túlio – “É para teu bem.”

Alda – “Queres mesmo? É o nosso amor que matas... Meu amor... A última vez!”

E deixa-se cair.

Túlio – “Alda, que é isso? Ânimo...”

Alda – “Lembras-te? Há dois meses!... Quanto amor! Quando te vi, desde que te vi, meu amor, amei-te. Que me importava que tu fosses banhista? Se era a tua carne, o teu corpo, os teus olhos que eu desejava, meu adivinhado querido... Nunca, nunca mais sentirei o que senti por ti, nas águas do rio, quando te tinha a meu lado, forte, meu, fiel... Com o lenço preto sempre no pescoço!”

Túlio – “Mas, Alda...”

Alda: - “Túlio, tenho que te fazer uma pergunta que tá atormentando o meu coração...!”

Túlio: - “Acho que está na hora mesmo de conversarmos.” (deixa de falar com sotaque italiano)



Alda –“Dize!... Nenhuma outra será como eu. Pois não? Tantas mulheres querem te segurar! Eu sei.” (Alda se refere às mulheres da plateia)

Túlio percebe que este é o momento.

Túlio –“Alda, tenho que te dizer...”

Alda –“Não digas! não digas nada!”

Túlio –“Não, há um engano; um engano que não pode continuar.”

Alda –“Não há, Túlio, não há!...”

Túlio –“Há sim.”

Alda –“Pois deixa-o!”

Túlio –“Não. Tu pensas que eu sou o banhista Túlio, nascido em Nápoles.”

Alda –“E não és? És sim, és o meu Túlio.”

Túlio –“Criança! Eu sou brasileiro, Geraldo, Geraldo Pietri (tira o lenço preto e dá este para Alda). Sou descendente de italiano, falo um pouco de italiano. Gosto de conversar com os instrutores de natação. Com eles eu tenho uma conversa franca, somos todos amigos, lá na faculdade é só vaidade... sou compositor e estudante de medicina, vou me formar em Neuro Cirurgia.”

Como Alda recua, com a fisionomia demudada, começa a dar nós no lenço preto e transforma-o em um boneco que manipula. Em seguida vai para a cadeira e começa a colocar o figurino do início do espetáculo.

Alda; -“Vai embora, Túlio.”

Geraldo, que não vê o que Alda faz com o lenço, realiza um ato que revela um resto de piedade.

–“Sim, Geraldo, estudante, que se fez passar por instrutor de natação porque se apaixonou por você...”

(Um silêncio tombou. Alda sentara-se. Depois, como Geraldo se aproximasse, sorriu, afastando-o.)

Alda – “Não, senta-te. ”

Geraldo –“Mas agora a gente vai poder ter um relacionamento aberto, franco.”

Alda –“Vai embora. Vai-te”

Geraldo –“Mas a nossa última noite?”

Alda –“ Senta-te.”

Geraldo –“Zangaste-te?”

Alda –“Não, pensei que tinhas mais espírito de brincadeira. Não tens. Geraldo, o que me interessa Geraldo? Eu sabia, ouviste?

Túlio: “Sabia? Quem te contou?”

Alda – “Eu sabia desde o primeiro dia, quem eras tu. Se não soubesse, teria perguntado por ti e dar-me-iam informações. Eu sabia. O meu amor nasceu de uma brincadeira. O estudante Geraldo...a verdade, o comum, o vulgar...Eu queria o meu Túlio, fiel, forte, que me segurava nas ondas, filho do rio e das canções... Agora, já nem parto, não preciso ir viajar.”

Túlio: - “Não?”

Alda _”Acabou tudo.”

(Tudo na vida é ilusão e só a ilusão é verdadeira. A verdade é a mentira porque é o comum e o vulgar. Amei-te, querendo fazer desse



sentimento uma parada de gozo superfino em que ambos nos esforçássemos por dar a cada um a ilusão. Nunca se desengana uma mulher porque não se mata a ilusão. Eu amava um ser idealizado, que seria chocante se fosse verdadeiro, um banhista imprevisto, um selvagem, , em ti que o fingias bem. Tu mataste Túlio. Que me importa a mim o estudante Geraldo? Já nem parto. Não é preciso. Adeus! E nunca, ingênuo rapaz, queiras ser verdadeiro nas coisas do sentimento que ama a ilusão. Você veste esta roupa e se acha!”
Silêncio.

Geraldo pega a chave com o Gerente.

(Ator 2 acaba de se vestir e Ator 1 começa a sentir dor na perna)

Rosita – “Fábio, Fábio! Você está precisando de mais pomada? Como está sua perna?”

Fábio – “Tá tudo bem. Vou tentar andar.”

(Fábio começa a cantar sua música)

“Caí, que desilusão... a dor na minha perna já passou

Será que a dor do coração vai passar também?

Mas quando acontece da gente cair nesta vida, ai, ai

É por amor...

Me levanta, vai!”

(Cantam juntos fazendo referência ao Mestre Sala e à Porta Bandeira)



ROTEIRO

ESPETÁCULO “VEM CÁ, PERDIZ!”

Entramos na sala de aula e perguntamos se aquela sala é da professora X (sempre nos informamos sobre o nome das professoras).

Cumprimentamos animadamente a professora.

Ator 1 e 2 - "Há quanto tempo! Nem te reconhecemos! Então é aqui mesmo!"

(música)

"Taperá cantou mais cedo

Taperá sabe cantar

Pra acordar a nossa gente

Taperá sabe cantar."

Ator 1 e 2 - "Acho que ninguém sabe quem é o Taperá. Olha, ele sabe cantar, ele sabe voar, ele é pequenino, tem penas... "

- "Um passarinho!"

(música)

"Taperá é um passarinho

Logo cedo põe-se a cantar

Canta pra fazer seu ninho

Canta para namorar..."

Ator 2 - "Onde tava o Taperá, tava Dona Norberta, onde tava Dona Norberta, tava o Taperá! Lembra da Dona Norberta?"

Ator 1 - "Claro que me lembro! Sempre simpática!"

Ator 2 - "Com aquele sorriso largo, aberto! Ela era bem gordinha, então andava assim, ó!"

Ator 1 - "Eu vou desenhar a Dona Norberta!"

(pega um giz e uma bexiga, enche a bexiga e pede para ator 1 segurá-la, se inspira na forma da bexiga e desenha uma bola)

Ator 2 - "Não é que parece mesmo a Dona Norberta!"

Ator 1 - "Ela tinha 2 olhinhos pequeninos, o sorriso que ia de uma bochecha a outra, usava uma touca branca na cabeça e sempre carregava uma bolsa-maleta com ela. Colocava tudo o que precisava nela!"

Ator 1 - "Lá aonde ela trabalhava, tinha, sabe, vermelha..."

Ator 2 - "Você tá falando da amarela?"

Ator 1 - "Isso da laranja também."



Ator 2 - “Mas a branca era a mais perfumada...”

Ator 1 - “Como é que é o nome? Nasce na terra, é colorida. Cheira que nem sabonete e só toma banho quando chove!”

(alguma criança responde: flor!)

Ator 2 - “Isso, tinha margarida (citamos as flores da flora do local).”

Ator 1 - (desenhando) E tinha a, a ... (falamos uma árvore típica da mata local)

Ator 2 - “Olha lá quem tá no galho da árvore? O Taperá! Contando histórias pra Dona Norberta!”

Ator 1 - “O Jaó!”

Ator 2 - “O Jaó, o amigo do Taperá!”

Ator 1 - “O Jaó tá aqui? E aqui? Tá sim, vocês é que não estão vendo direito! (executa mágica e ator 2 coloca-o na mão)

Ator 2 - “E a perdiz? (executa mágica e coloca na outra mão)”

Ator 2 - “Eles brincavam o tempo todo lá no cerrado, brincavam de, de (crianças participam citando suas brincadeiras). Mas um dia eles brigaram”

Ator 1 - “Mas por que?”

Ator 2 - “Ninguém sabe.”

Ator 1 - “Vou lá perguntar.”

Ator 2 - “Não adianta. O Dito já perguntou e não responderam. Só sei que a perdiz ficou tão brava que virou as costas, foi lá pro capinzal...”

Ator 1 - “Onde é?”

Ator 2 - “Lá pros cafundó!”

Ator 1 - “Mas lá é longe!”

Ator 2 - “E a Jaó, com saudades, começou a cantar...”

(som com flauta fazendo referência ao canto do pássaro)

Ator 2 - “Vem cá, perdiz! Vem cá, perdiz!”

Ator 2 - “E a perdiz...”

Ator 1 - “Respondeu!”

(som com flauta fazendo referência ao canto do pássaro)

Ator 2 - “Eu, nem pensar! Eu, nem pensar!”

(desenho vai sumindo) Ator 2 - “Mas não foi só a Perdiz e o Jaó que...cortaram a (árvore), o Taperá não teve outro jeito, bateu asas e voou... Dona Norberta foi ficando triste, foi perdendo aquele sorriso largo, as flores foram murchando, a amarela caiu no chão, a branca murchou, a Dona Norberta foi emagrecendo, emagrecendo...Mas um dia Dona Norberta acordou diferente, resolveu pegar estrada! Pegou sua bolsa e saiu! Quem sabe ela não consegue encontrar o Taperá! Encontrou foi com a Jaó, perguntou pelo Taperá e ela respondeu: Vem cá, perdiz!. Dona Norberta seguiu caminho até o cafundó, encontrou com a perdiz e perguntou pelo Taperá. A perdiz respondeu: eu, nem pensar! Dona Norberta tinha caminhado tanto que sentou pra descansar e acabou sonhando com o Taperá! Ele dizia no sonho: Abre a



bolsa, Dona Norberta!”

(música, abre-se a bolsa-maleta, surge uma trouxa)

Ator 1 - “Abre a bolsa, Dona Norberta! Abre!”

(abre-se a trouxa de pano, há flores enfeitando toda a cesta e uma boneca de pequena dimensão surge, brinca e distribui flores para a professora, fecha-se a trouxa e música)

“Vou cantar a despedida

Tal e qual um passarinho

Deixou a pena no ninho

Bateu asas e voou.”

(cantam e se dirigem para a porta, quando já estão quase indo embora)

Ator 2 - “Se vocês virem o Taperá por aí, vocês vem correndo nos avisar?”

(despedem-se cantando música acima)



FICHA TÉCNICA
REGISTRO LÍTERO FOTOGRÁFICO
PROJETO MENTIRA VAI LONGE

Textos: Mônica Simões

Registro Fotográfico: Andrea Lucas

Design Gráfico: Carlos Gaucho

www.caixadeimagens.com

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES
funarte

Ministério da
Cultura

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO E PAÍS SEM POBREZA

“Este projeto foi contemplado pelo Prêmio Pro Cultura de Teatro 2010 –
FUNARTE/ Ministério da Cultura / Governo Federal”